Representações do Sul do Brasil nos escritos da intelectualidade alemã (1896-1914)*

Representations of Southern Brazil in the writings of German intellectuals (1896-1914)

Rosane Marcia Neumann**

Resumo: Objetiva-se analisar as discussões em pauta na Alemanha sobre as colônias alemãs no Sul do Brasil e os e/imigrantes alemães no exterior, no período entre 1890 e 1914/1918. O fio condutor são os escritos da rede de intelectuais americanistas vinculados ao Dr. Hermann Meyer, de Leipzig, Alemanha, um intelectual, editor e proprietário de colonizadora. Trata-se de um estudo de imigração, na perspectiva dos movimentos migratórios transoceânicos, em diálogo com a micro história e história intelectual. Como recorte, aborda-se o contexto migratório do final do século XIX; o olhar dos intelectuais alemães para/sobre o Brasil; e, em escala reduzida, os escritos do intelectual Dr. Ernst Kapff e sua defesa da e/imigração Sul-Sul. Portanto, o estudo contribui para compreender o que se conhecia, escrevia e discutia sobre a emigração alemã ao Sul do Brasil e suas colônias, a partir do posicionamento de sujeitos e instituições atuantes na Alemanha.

Palavras-chave: E/imigração alemã. Rio Grande do Sul. Dr. Ernst Kapff.

Abstract: The purpose of this paper is to analyze the discussions in Germany about the German colonies in the South of Brazil and the German e/immigrants abroad in the period between 1890 and 1914/1918. The main thread is the writings of the network of Americanist intellectuals linked to Dr. Hermann Meyer, from Leipzig, Germany, an intellectual, publisher and owner of a colonizing company. This is a study of immigration, from the perspective of transoceanic migratory movements, in dialogue with microhistory and intellectual history. As a cutout, it approaches the migratory context of the late

*O artigo é resultado parcial do projeto de pesquisa "E/imigrações: representações da América Latina no discurso da intelectualidade alemã (1896-1918)", em andamento no PPGH/FURG, como professora visitante. A documentação em língua alemã utilizada no artigo em citação indireta ou direta é tradução livre da autora.

** Doutora em História. Professora visitante do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

nineteenth century; the look of German intellectuals to/about Brazil; and, in a reduced scale, the writings of the intellectual Dr. Ernst Kapff and his defense of the South-South e/immigration. Therefore, the study contributes to understand what was known, written and discussed about the German emigration to Southern Brazil and its colonies, from the position of subjects and institutions active in Germany.

Keywords: German E/immigration. Rio Grande do Sul. Dr. Ernst Kapff.

Introdução

O presente artigo tem por objetivo analisar as discussões em pauta na Alemanha, alinhadas ao colonialismo e a *Weltpolitik* – entre os germanistas, americanistas e instituições emigrantistas –, sobre as colônias alemãs no Sul do Brasil e os e/imigrantes alemães no exterior, no período entre 1890 e 1914/1918. O fio condutor para análise dessa problemática são os escritos da rede de intelectuais americanistas vinculados ao Dr. Hermann Meyer (1871-1932), de Leipzig, Alemanha, um intelectual, editor e proprietário de Empresa de Colonização Dr. Herrmann Meyer, que possuía suas colônias no noroeste do Rio Grande do Sul. Em termos teóricos e metodológicos, trata-se de um estudo de imigração, na perspectiva dos movimentos migratórios transoceânicos, em diálogo com a micro história e história intelectual.

Como recorte, aborda-se o contexto migratório do final do século XIX; em seguida, o olhar dos intelectuais alemães para/sobre o Brasil; e, por fim, em escala reduzida, os escritos do intelectual Dr. Ernst Kapff e sua defesa da e/imigração Sul-Sul, pertencente à rede social do Dr. Herrmann Meyer. Portanto, o estudo contribui para compreender o que se conhecia, escrevia e discutia sobre a emigração alemã ao Sul do Brasil e suas colônias, a partir do posicionamento de sujeitos e instituições atuantes na Alemanha, tanto favoráveis quanto contrárias.

Entende-se que o Dr. Herrmann Meyer situa-se como um "exponencial normal" no seu contexto histórico e espaço (GRENDI, 2009), que circulava em várias instâncias sociais e políticas: um intelectual, pela sua formação acadêmica; o editor e sócio proprietário do Instituto Bibliográfico de Leipzig, pela sua posição familiar; em termos ideológicos, posicionava-se como

americanista, aproximando-se do discurso do *Deutschtum*/germanidade, quando conveniente; e empreendedor em um projeto de colonização implementado no noroeste do Rio Grande do Sul, em 1897/1898 (NEUMANN, 2016). Seu cabedal familiar é relevante, pois provém de uma família tradicional de editores proprietários do Instituto Bibliográfico de Leipzig, Alemanha, o que lhe propicia a distinção pelo capital social, cultural e econômico (BOURDIEU, 2007).

Investigar a trajetória, a rede social e intelectual do Dr. Herrmann Meyer, a partir do nome próprio (GINZBURG; PONI, 1989), possibilita uma aproximação do debate sobre a emigração alemã ao Sul do Brasil, bem como o imaginário sobre/as representação das colônias alemãs nesses círculos emigrantistas, os espaços de discussão e circulação dessas ideias na Alemanha.

Partindo da ideia de trajetória, entende-se que o agente que se dedica à produção intelectual integra o grupo dos intelectuais, construído socialmente e não cientificamente. Intelectual é um conceito impreciso e polimorfo, termo para qual cada historiografia nacional possui suas próprias particularidades (SIRINELLI, 1996; CHARTIER, 1993). A noção de intelectual está ligada às práticas intelectuais a serem investigadas e mostra-se como um espaço de sociabilidade, dentro da noção de campo de produção cultural, no qual as obras são produzidas e onde se constroem as carreiras. Logo, cabe compreender como esse universo dos intelectuais funciona e se articula, quem circula nesse espaço, as redes sociais, os *influencers* e as hierarquias, a agenda ampla de discussões do grupo e a agenda institucional restrita (MARTINS, 2020). Nesses espaços, por vezes mais amplos, outras não, há aqueles intelectuais mais proeminentes, que escrevem e publicam, como o Dr. Ernst Kapff, e outros, que atuam nos bastidores, como o Dr. Herrmann Meyer, mas ambos circulavam por espaços comuns – jornais, editoras, universidades – e, a seu modo, buscavam prestígio intelectual, financeiro e reconhecimento.

Uma Alemanha imaginada

No decorrer do século XIX, historiadores, filósofos, políticos e publicitários ocuparam-se em construir uma narrativa unificada, sob a perspectiva prussiana, de criação de um estado nacional alemão – uma

comunidade imaginada –, com uma origem ancestral comum, legitimando sua narrativa histórica.

A Alemanha ingressou na corrida colonialista após a sua unificação, em 1871. Entretanto, os interesses internos se dividiam entre a formação de colônias no exterior – consideradas supérfluas, caras e pouco lucrativas – e a colonização de suas fronteiras (*Grenzkolonisation*) – entendida como a propagação e consolidação do *Reich* e da germanidade dentro das próprias fronteiras do Estado-nação. Segundo Conrad (2012), o colonialismo moderno alemão durou cerca de três décadas, era parte e parcela do grande projeto colonial europeu – exploração econômica, civilização, racismo. Na Conferência de Berlim, em 1884/85, convocada por Bismark, a Alemanha participou da partilha da África, onde obteve Togo, Camarões, Namíbia e Tanzânia. Em 1890, também obteve possessões no Leste da Ásia (Shandong, província da China) e no Pacífico (Samoa, Nova Guiné e Ilhas no Pacífico). Nesses locais, fundou "novas Alemanhas" (*New Germanies*). Conrad ressalta que o colonialismo afetou profundamente a sociedade alemã, mesmo após o fim oficial do Império, pois não permaneceu restrito às colônias, ocupando espaço no debate do *Reichtag* e da imprensa. Internamente, impactou nas artes e cultura popular, na estrutura do comércio e nos regimes de migrações, bem como nas áreas do conhecimento, visto que disciplinas como antropologia e geografia estavam implicadas no projeto colonial. Foi nesse contexto que se desenvolveram as ideologias do *Lebensraum* – espaço vital – e raça.

As discussões em torno do colonialismo da Alemanha são múltiplas e foram retomadas na década de 1990, tanto internamente quanto por pesquisadores estrangeiros. Há pesquisas, como a de Conrad (2012), que buscam compreender o colonialismo no contexto da história global, já outros estudos contemporâneos apontam que o colonialismo ultrapassa as três décadas, estendendo-se das fantasias e projetos pré-coloniais à memória da experiência pós-colonial. Tangenciando as discussões sobre o colonialismo e seus desdobramentos, há uma linha de investigação que contempla as trajetórias dos emigrantes alemães no exterior e seus núcleos coloniais, em diferentes espaços e contextos históricos.

O Brasil como destino aos emigrantes alemães

Nas duas últimas décadas do século XIX, o colonialismo ocupou a pauta de discussões e os investimentos do governo da Alemanha, em parceria com instituições coloniais. Simultânea à emigração oficial dirigida às colônias alemãs no exterior, havia a emigração espontânea, direcionada à Europa e América. No topo dos "melhores destinos no exterior" aos emigrantes alemães espontâneos, estava a América do Norte, sobre a qual havia muita informação em circulação na Alemanha, estampada em jornais e revistas. Em paralelo, um grupo minoritário de instituições e intelectuais empenhava-se em desviar o fluxo da emigração alemã para América do Sul. Essa ideia esteve na pauta de discussão da intelectualidade e dos círculos políticos da Alemanha desde 1840, quando a emigração passou a ser tratada como uma questão da nação alemã – até então, era assunto interno de cada estado. Na América do Sul, segundo esses discursos, as regiões privilegiadas para receber emigrantes alemães situavam-se no sul da Argentina, Chile, Brasil e no Uruguai. A longo prazo, imaginava-se desenvolver uma América do Sul vinculada cultural e economicamente à Alemanha, em contraposição aos Estados Unidos, atrelados à Inglaterra, buscando afastar-se do modo de vida dos emigrantes alemães naquele país, onde, rapidamente, se tornavam norte-americanos (CUNHA, 2000; MEYER, 1901).

O projeto de emigração e colonização subsidiada do Império brasileiro, no século XIX, foi popularizado na Europa por agentes de e/imigração, que atuavam em locais estratégicos, como os portos, ou locais de concentração e circulação de pessoas, como igrejas, tabernas, instituições voltadas à emigração. Simultaneamente, produziam e distribuíam panfletos, cartazes, artigos em jornal, revista e *Kalender*, e buscavam engajar elementos-chave nos povoados, como pastores, professores, órgãos de imprensa *(*ROCHE, 1969).

Entretanto, a política interna do Império brasileiro impactou no afluxo migratório, somado às reclamações de imigrantes alemães que chegaram às autoridades europeias. O primeiro fator que dificultou a colonização foi a Lei de Terras de 1850, regulamentada em 1854, que ordenou a demarcação, medição, venda e fixação do preço das terras devolutas, criando um instrumento legal que definia as formas de acesso à posse da terra por meio da compra e uma política de colonização. Nessa conjuntura, no Sudeste o imigrante dirigia-se às lavouras

cafeeiras como mão de obra, ou associava-se ao sistema de parceria; já no Sul, era direcionado aos núcleos coloniais, onde se tornava proprietário de um lote de terras, via compra. Observando a imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul, denota-se que a expectativa era receber imigrantes com capital suficiente para adquirir um lote colonial, oferecendo-se um prazo determinado para quitação da dívida colonial. Dessa forma, no Sul a colonização consolidou o modelo de pequena propriedade, utilização da mão de obra familiar e produção agrícola de subsistência, com a venda do produto excedente. Ainda, desenvolveu um espaço para as atividades de ofício, atreladas à prática agrícola. O segundo fator foram as denúncias dos imigrantes alemães quanto às condições de trabalho no sistema de parceria em São Paulo, que chegaram à Alemanha em 1858. Depois de produzir um longo debate nas instâncias governamentais alemãs, houve a emissão do Restrito de Heydt (*Reskript von der Heydt*), em 3 de novembro de 1859, na Prússia, limitando a emigração de alemães ao sudeste e sul do Brasil. Com a unificação da Alemanha, em 1871, a restrição foi estendida à toda Alemanha. No decorrer desse período, a emigração da Alemanha ao Brasil reduziu, todavia, não foi paralisada (CUNHA, 2000).

Nota-se o abismo entre o horizonte de expectativa do e/imigrante e a realidade, muitas vezes instransponível. No seu texto-denúncia, o suíço Thomas Davatz ([1850]1951) já chamava a atenção dos emigrantes em potencial, para "baixarem suas expectativas", pois o Brasil não era um Eldorado. Na literatura, essa temática também foi abordada, como por exemplo, no romance *Die Colonie. Brasilianisches Lebensbild* [A colônia: cenas da vida no Brasil], escrito e publicado na Alemanha em 1862, pelo romancista Friedrich Gerstäcker, após sua viagem ao Brasil.[1] É ilustrativo o diálogo entre os imigrantes alemães – o primeiro, um recém-chegado, e o segundo, o diretor da colônia Santa Clara, situada no litoral de Santa Catarina:

> "Mas porque essas pessoas migram para uma terra selvagem? Já não deveriam saber de antemão que são incapazes de se adaptar a tal tipo de trabalho e ocupação?", perguntou Könnern. "Não faltam livro que lhes digam claramente o que devem esperar do novo mundo – seja

[1] Na obra traduzida, os tradutores Gerson Neumann e Cláudia Pavan (2016) apresentam um extenso estudo sobre o autor, Friedrich Gerstäcker, bem como uma análise literária de sua obra, situada no âmbito da literatura-mundo – ou, na leitura aqui apresentada, uma literatura transnacional.

> América, Austrália ou como quer que se chame –; se compreendem alemão, não há como se enganarem a respeito."
> "Mas mesmo assim o fazem", disse o diretor, "e sobretudo por uma razão muito simples e, em qualquer outro caso, valorosa: têm uma ótima opinião de si mesmas. 'Eu posso tudo o que eu quiser', dizem elas, mas não consideram que não querem tudo o que podem. [...]" (GERSTÄCKER, 2016, p. 41).

Ao questionar as razões pelas quais as pessoas emigravam para uma colônia recém-formada, Gerstäcker aponta para a existência na Alemanha de impressos e literatura capazes de informar – e desestimular – a emigração. A própria obra *Die Colonie* contribuía nesse sentido, e reforça a tese de que o emigrante não partia totalmente alheio – ou enganado – sobre o que o esperava além-mar.

Para além da literatura, as colônias alemãs da América eram percebidas e descritas na Alemanha sob as lentes imperialistas. A revogação do Restrito de Heydt, em 1896, despertou o interesse dos círculos intelectuais alemães pelo Brasil, fomentando pesquisas, expedições científicas, viagens às colônias por agentes oficiais do governo e particulares, com a posterior publicação dos resultados e impressões na Alemanha, tanto em formato de livro quanto artigos na imprensa e periódicos. "Tais representações não são simples imagens, verídicas ou enganosas, de uma realidade que lhes fosse exterior. Elas possuem uma energia própria que convence de que o mundo, ou o passado, é realmente aquilo que dizem que é" (CHARTIER, 2010, p. 26).

Em seu estudo, Karen Lisboa (2008) analisou as publicações de intelectuais alemães, que escreveram no decorrer do século XIX sobre a e/imigração e colonização alemã no Brasil.[2] No conjunto desses escritos, apontou argumentos convergentes: os fatores climáticos, que facilitariam a adaptação; a disponibilidade de uma infraestrutura mínima, eximindo o empreendedor de iniciar do nada – aspecto no qual nem todos concordavam – porém, informavam sobre o pouco apoio oficial de ambos os países, logo, o sucesso do imigrante dependia mais da sua disposição individual; recomendavam a imigração rural como a mais adequada, pressupondo que os imigrantes urbanos teriam maiores dificuldades de adaptação em uma colônia;

[2] Lisboa (2008) selecionou as obras de Lamberg, Schanz, Funke e Ullmann, cotejadas com escritos de outros autores.

e, por fim, insistiam no fato de que o imigrante se tornasse um proprietário de terras, não aceitando propostas de trabalho que o sujeitassem a empregado numa fazenda. No seu conjunto, essas publicações tinham por meta orientar o emigrante em potencial sobre as vantagens e possibilidades oferecidas pelo Brasil.

Outro ponto abordado nesses escritos, conforme Lisboa (2008), era o papel e posição delegada ao imigrante alemão em território brasileiro: a imagem do imigrante europeu como fundador ou formador de algo novo, contribuindo para construção da nação brasileira; a ligação do imigrante com o país receptor, passando pelo discussão da assimilação; a representação do Brasil como país do futuro, em oposição à velha e culta Europa; o etnocentrismo e a crença na superioridade do imigrante alemão em relação aos demais imigrantes instalados no país; a defesa de que o Sul era a melhor região no Brasil para os imigrantes; a pequena propriedade agrícola/camponeses, o sedentarismo/fixação. Enfim,

> são questões formuladas em livros de viajantes ou de emigrados voltados em primeiro lugar a um público leitor transnacional de língua alemã com o objetivo de afirmar a sua obra colonizadora no além-mar, num contexto de ascensão e queda do Imperialismo. E nesse sentido, cabe reiterar a sua função como gênero literário no sentido de estes livros estarem produzindo discursivamente as "periferias" para reforçar a formação nacional e a construção da identidade "alemã" (LISBOA, 2008, p. 104).

Na mesma linha, Frederick Schulze (2017), ao analisar os regimes de e/imigração na Alemanha e no Brasil, chama atenção que nos diferentes contextos históricos, houve variações. Todavia, na segunda metade do século XIX, entre os ativistas colonialistas, o Brasil como destino aos emigrantes alemães era positivado dado seu clima, terras férteis e abundantes, somado à possibilidade de manter núcleos étnicos, preservando sua cultura de origem. Assim, para além de um projeto econômico, tratava-se de uma "missão cultural alemã".

Essa oscilação dos regimes de e/imigração transparece na imprensa alemã. Um artigo publicado em 1908 no periódico *Die Grenzboten*, em Berlim, informava sobre a posição do Brasil República após a eleição de Affonso Penna à presidência, em 1906. Segundo o artigo, a postura nativista de xenofobia ao imigrante gradualmente cedia lugar a um clima favorável à imigração, indício

do investimento expressivo destinado à propaganda na Europa em prol da emigração ao Brasil, somada ao envio de uma comitiva de 28 pessoas para percorrer os países europeus, com o mesmo propósito. Logo, vislumbrava-se uma retomada da emigração da Alemanha ao Brasil, assinalando que no momento predominavam os imigrantes italianos, além de haver a presença de imigrantes japoneses (mongóis), vistos com reserva. Na visão do articulista, a região mais indicada era o Sul do Brasil, onde havia a presença numerosa de imigrantes e descendentes de alemães, na maioria, fechados em núcleos coloniais. Exaltava os novos projetos de colonização em andamento, atrelados a construção da ferrovia: a colônia da Hansa, localizada em Santa Catarina, e as colônias Neu-Württemberg e Xingu, em fase de instalação pelo Dr. Herrmann Meyer, no Rio Grande do Sul. Em resumo, indicava o Sudeste e Sul do Brasil como as áreas mais vantajosas para instalação dos imigrantes, com a ressalva de que o centro do país era propício aos abastados, que quisessem trabalhar como plantadores, enquanto que na região Sul mesmo os pouco acostumados ao trabalho duro encontrariam uma existência tolerável. Alertava que

> as deficiências da administração da justiça e da administração no Brasil não devem mais ser discutidas. O expatriado [emigrante] deve estar preparado para isso em todos os novos países. Os alemães, entretanto, acham difícil se acostumar a isso no início, porque na terra natal estão acostumados com a lei e a ordem e pensam que isso também deve ser transferível para outros países. Aquele que, portanto, não precisa emigrar, fica melhor em casa na sua pátria [*Vaterlande*]. (*Die Grenzboten*, 1908, p. 353)

Enfim, um deslocamento transnacional e transoceânico tinha múltiplas implicações, que deveriam ser avaliadas, antes de decidir pela emigração.

Rio Grande do Sul: uma *Neudeutschland*

A segunda metade do século XIX, iluminada pelos estudos científicos e a curiosidade, mobilizou dezenas de intelectuais das diferentes áreas do saber, detentores de capital social e econômico, somado a um projeto ou curiosidade, a atravessar o Atlântico, com o objetivo de conhecer o Rio Grande do Sul. Dentre eles, o médico Dr. Franz Epp, que viajou da Alemanha à América do Sul em inícios de 1863, percorrendo as colônias do Rio Grande do Sul. O relato da viagem, *Rio Grande do Sul oder Neudeutschland* [Rio Grande do Sul ou Nova

Alemanha] foi publicado em 1864. Na apresentação, o autor escreveu que seu objetivo era buscar uma nova *Heimat* para os emigrantes alemães, que estavam cruzando o Atlântico aos milhares, que pudesse ser também uma nova *Vaterland* (pátria). Contudo, Epp chamava atenção à postura dos emigrantes alemães, reproduzida no exterior, como um fator que dificultava sua inserção no local de chegada – ideia reproduzida no *Die Grenzboten,* em 1908.

> Os alemães são conhecidos como idealistas e, quanto menos as condições estatais da Alemanha correspondem ao ideal, mais nossos emigrantes esperam encontrar o ideal no novo país para o qual estão se mudando. Mas, onde eles encontraram até agora uma segunda Alemanha que teria substituído tão completamente a primeira? Onde está a terra da promessa para nossos camaradas que partem! (EPP, 1864, p. IV)

Nessa busca, Epp acreditava ter encontrado o lugar ideal ou *Neudeutschland*, tendo como limites o rio Uruguai ao norte, até o rio Paraná, descendo até o rio da Prata – ou seja, o território do Rio Grande do Sul, adentrando o limite platino –, região favorecida pelo clima, relevo, fertilidade do solo, riqueza ambiental, somada a presença de imigrantes alemães. Na sua leitura, era o território ideal, onde o e/imigrante, com o seu trabalho, poderia alcançar seu desenvolvimento econômico e viver em liberdade. Corroborava nesse sentido sua anotação sobre a colônia de São Leopoldo: "a maioria dos habitantes imigrou da Alemanha como gente pobre e se tornou rica e próspera aqui [São Leopoldo]" (EPP, 1864, p. 50).

Epp tinha por objetivo conhecer a zona de colonização alemã, detendo-se, todavia, na colônia particular de São Lourenço, fundada nas imediações de Pelotas, pelo seu conterrâneo Jacob Rheingantz. Nessa colônia, demorou-se por semanas, acompanhando Rheingantz nos seus afazeres cotidianos, percorrendo as picadas e visitando os imigrantes nos seus lotes coloniais. Ao despedir-se da colônia, escreve:

> Salve, Germânia, que você tem filhos assim! Pois até a prole alemã nascida no extremo sul são seus filhos! [...]. Os louros, de barbas vermelhas, de olhos azuis do Reno e do Oder, dos Alpes e do Suude[sic]. Todos eles se uniram aqui, em prol da construção de uma nova pátria alemã [*Vaterland*]. [...]. Os gigantes da floresta caíram ante seus poderosos golpes. [...]. Mas de suas cinzas brota a semente da cultura. [...] agora o galo doméstico canta e as crianças de bochechas vermelhas e cabelos loiros brincam em jogos alegres. Apenas uma coisa é necessária: unidade. (EPP, 1864, p. 98-99).

A narrativa de Epp traz elementos do imaginário da época, já destacados por Lisboa (2008), especialmente ao descrever o imigrante como o detentor da cultura, e que gradualmente transformava o universo selvagem, no qual foi colocado. Concluiu seu relato com uma conclamação aos seus compatriotas em prol da união e associação comunitária, em defesa de seus interesses (EPP, 1864).

O estrangeiro-expectador, que observa e descreve uma colônia com imigrantes alemães no Sul do Brasil, cedeu espaço no final do século XIX a um projeto de colonização, pensado e discutido no meio intelectual na Alemanha, tornando-se agentes ativos. A trajetória inicial do projeto reuniu jovens intelectuais recém-doutores e americanistas, com formação nas áreas de geografia, antropologia, filologia, educação e arqueologia. Essa rede de intelectuais com múltiplas ramificações e interesses, contava com dois pilares centrais situados no eixo Stuttgart-Leipzig: o Dr. Erich Kapff, como capital social e cultural, e o Dr. Herrmann Meyer, como capital cultural e econômico.[3]

Investigando a trajetória intelectual do Dr. Meyer e Dr. Kapff, sobressai sua aproximação entre 1896 e 1906, quando estavam envolvidos na construção de um projeto de emigração Sul-Sul, ou seja, de Württemberg/Alemanha ao Rio Grande do Sul/Brasil. Como território para instalar o projeto de imigração e colonização, optaram pela região noroeste do Estado, propondo como diferencial uma colônia alemã para e/imigrantes alemães, onde pudessem ser e permanecer alemães (KAPFF, 1896; NEUMANN, 2016).

Ambos os intelectuais traziam na sua bagagem familiar o capital de uma elite cultural e econômica, o que lhes permitiu acesso ao ensino superior e a circulação em espaços da elite intelectual e política alemã. Herrmann Meyer (1871-1932) nasceu em Hildburghausen, no estado da Turíngia, mas sua família se transferiu em seguida para Leipzig, Alemanha. A família Meyer era proprietária da editora *Bibliographisches Institut* [Instituto Bibliográfico], cujo carro-chefe era a enciclopédia *Meyers Konversations-Lexikon*, composta por vários volumes, reeditada desde 1840, reunindo nesse trabalho vários intelectuais, atingindo o auge de sua produção, expansão e popularidade em

[3] Sobre os intelectuais vinculados a Meyer em suas expedições ao Brasil central, ver Neumann (2016).

Leipzig. Já Sixt Ernst Kapff (1863-1944) nasceu em St. Gallen, na Suíça, vindo de uma família de nobres funcionários públicos de *Württemberg*, Alemanha, e mudou-se várias vezes em sua juventude, conforme o local de trabalho de seu pai. A família fixou-se em Ludwigsburg, posteriormente, em Cannstatt, próximo a Stuttgart, em Württemberg (BURMEISTER, 2006).

Quanto a formação acadêmica e atuação profissional, seguiram carreiras distintas. Em 1890, Meyer foi para Heidelberg e Strassburg estudar ciências físicas e naturais (*Naturwissenschaften*). No outono de 1891, interrompeu seus estudos para prestar o serviço militar. Devido a isso, transferiu seus estudos para Berlim, onde estudou Geografia e Etnologia. Em 1894, iniciou uma viagem pela Europa, e visitou coleções etnográficas. Concluiu seus estudos em 1895, em Jena, ao apresentar a tese *Bogen und Pfeil in Central-Brasilien. Ethnographische Studie* [*Arco e Flecha no Brasil-Central. Um estudo etnográfi*co], publicada no mesmo ano pela editora da família. Para ampliar suas pesquisas, realizou duas expedições ao Brasil central, até as nascentes do rio Xingu, no Mato Grosso, a primeira em 1896-1897 e a segunda, em 1899, publicando os relatórios na Alemanha (HERMANNSTÄDTER, 2004; NEUMANN, 2016).

Profissionalmente, Meyer investiu em seu projeto de colonização no noroeste do Rio Grande do Sul, com a fundação da Colonizadora Dr. Meyer, em 1898, em sociedade com o teuto-brasileiro Carlos Dhein, sociedade essa desfeita em 1900, quando torna-se único proprietário. Profissionalmente, atuou no Instituto Bibliográfico, tornando-se sócio proprietário em 1906. Sua produção intelectual permaneceu restrita aos seus relatos de viagem, artigos na imprensa e prospectos de propaganda informativos, normativos e fotográficos das colônias e colonos no Rio Grande do Sul (MEYER, 1899; 1901; 1903; 1904; 1906). Conhecedor dos meandros e do poder da publicidade, Meyer investiu maciçamente em propaganda, na perspectiva de "ser visto" e "fazer-se lembrado". Relativo ao seu projeto de colonização, Meyer reforçava que era fundamental manter a lucidez em relação à emigração e à colônia, no intuito de não alimentar ilusões, pois os prejuízos decorrentes de tal situação não compensavam. Em todas as publicações, deixava explícito que o empreendimento se limitava a fornecer o apoio logístico para instalação dos

imigrantes alemães e descendentes que, por meio de seu próprio trabalho, alcançariam uma existência progressista e autônoma, logo, não tinha caráter assistencialista ou filantrópico. Em contrapartida, oferecia assistência religiosa e educacional, contribuindo na construção de um lugar de cultura alemã (NEUMANN, 2016).

Ernst Kapff iniciou sua formação superior em 1882, estudando Filologia e Estética na Universidade de Tübingen, interrompendo os estudos para prestar serviço militar. Continuou seus estudos em Bonn e Leipzig, mas recebeu seu doutorado em Tübingen, em 8 de julho de 1886, ao apresentar a tese *Das Tragische nach A.Schopenhauer und E. v. Hartmann* [O trágico para A. Schopenhauer e E. v. Hartmann]. Kapff foi um espírito da sua época, e se descreve como poeta de palco, arqueólogo, filólogo, pedagogo, historiador e tradutor. Ele também era um político e libretista de ópera. Em 1891/92, Kapff foi o professor de língua alemã de Hermann Hesse[4] no Liceu de Cannstatt, e ambos tinham planos de emigrar ao Brasil, inclusive, Kapff aprendeu português e, em 1895, tinha em vista um emprego como editor de um jornal alemão em Porto Alegre. Como pedagogo e professor, Kapff estava preocupado com o treinamento de líderes para as colônias e escolas no exterior, em particular, no Sul do Brasil, campo pouco desenvolvido na Alemanha. Entre 1892 e 1901, publicou vários ensaios, sobretudo na revista *Die Grenzboten* [Os Mensageiros de Fronteira][5], sobre os emigrantes alemães no exterior, com enfoque na América do Sul e Brasil (BURMEISTER, 2006).

Nota-se que os artigos da revista *Die Grenzboten* sobre a temática emigração alemã ao Sul do Brasil concentram-se entre os anos de 1896 e 1906. No rol dos artigos de autoria do Dr. Kapff, publicados na revista, há dois em particular que lançam as bases teóricas adotadas no projeto de colonização do Dr. Meyer. O primeiro artigo, *Die deutsche Auswanderung nach Brasilien*

[4] Hermann Karl Hesse (nasceu em Calw, Alemanha, em 2 de julho de 1877 – faleceu em Montagnola, Suíça, em 9 de agosto de 1962) foi um escritor e pintor alemão. Em 1946, recebeu o Prêmio Goethe e, no mesmo ano, o Nobel de Literatura.

[5] A revista nacional-liberal *Die Grenzboten*, publicada semanalmente entre 1841 e 1922, por vezes bissemanalmente, visava refletir todo o mundo burguês. A partir de 1871, o subtítulo fornece informações precisas sobre o conteúdo: *Zeitschrift für Politik, Literatur und Kunst* (Revista para Política, Literatura e Arte). A revista foi fundada em Bruxelas em 1841, e a partir de 1842, foi publicada em Leipzig, mais tarde em Berlim. A revista está digitalizada e disponível na *Staats und Universitätsbibliothek Bremen*, Alemanha (http://brema.suub.uni-bremen.de).

[Emigração alemã ao Brasil], foi publicado em 1896. Trata-se de uma abordagem geral sobre a emigração ao Brasil, com referência à revogação do *Rescrito von Heydt*, e a decorrente expectativa de um incremento da emigração alemã ao Sul do Brasil – na sua percepção, a região mais promissora –, repercutida na imprensa alemã e teuto-brasileira. Argumenta que outros fatores paralelos favoreciam indiretamente para direcionar a emigração alemão ao Brasil: a crise econômica dos Estados Unidos; a eclosão de disputas com a Itália e críticas nos círculos políticos brasileiros, implicando na redução do fluxo de imigrantes italianos; e o espírito empreendedor que estava se afirmando nos grupos de interesse alemães, em ambos os lados do Atlântico, para apoiar a emigração alemã. Como iniciativas promissoras, Kapff citava: a decisão da diretoria da *Norddeutscher Lloyd* de negociar a construção de quatro navios a vapor para prover a linha brasileira, a concessão obtida pela *Hamburger Südamerikanischen Dampfschiffahrtsgesellschaft* para a compra de 100.000 hectares de terra no Rio Pelotas, no Rio Grande do Sul, e a formação em Porte Alegre da Companhia Rural Colonizadora, voltada à colonização [*Ansiedlungsgenossenschaf*]. A concessão das linhas a vapor às empresas alemãs, interligando Alemanha e Brasil, significavam um grande avanço na política de e/imigração entre os dois países. Havia ainda a expectativa da *Norddeutsche Lloyd* se integrar à emigração e colonização.

Entretanto, observava de forma crítica o Brasil e a sua política ou ausência de política de imigração e colonização no decorrer do Império e primórdios da República, decorrente principalmente da atuação de agentes de imigração e os agentes do governo, que favoreciam interesses da elite agrária e política do país, no que se refere à compra, medição e disponibilização de terras para colonização, nem sempre apropriadas à produção agrícola. O resultado dessa prática estava no cerne das críticas publicadas na imprensa alemã, levando o Brasil ao descrédito como destino dos emigrantes. Para driblar as condições desfavoráveis impostas pelo Estado, muitos imigrantes buscavam, de forma espontânea, condições de existência mais propícias.

Dado o contexto, Kapff (1896) sugeria como uma das soluções que mais sociedades de colonização alemã, em mãos de alemães, assumissem a colonização, bem como o acompanhamento de cônsules, que de fato atuassem

em prol dos alemães no exterior – e não cônsules profissionais. Enfatizava que os imigrantes alemães não estavam disponíveis para substituir os negros nos cafezais, como os círculos luso-brasileiros pensavam – condição à qual os imigrantes italianos se submetiam, na ânsia de poupar dinheiro e retornar à sua pátria. Na sua leitura, a contribuição dos imigrantes alemães na nova *Heimat* residia no seu trabalho enquanto pequeno agricultor e senhor de sua terra própria, ou para se estabelecer em um pequeno povoado. Àqueles emigrantes em potencial, sem capital para adquirir terras já com uma infraestrutura, lembrava que o trabalho inicial de instalação era mais árduo que o trabalho na Alemanha.

Mas, qual o melhor emigrante alemão para se estabelecer no Brasil? Aqui, Kapff defende os camponeses e artesãos suabos, por serem desbravadores e pioneiros do germanismo, e de tradição camponesa. Chama atenção à elevada presença de suabos, em termos numéricos, nos Estados Unidos e sua ausência na América do Sul. Nas colônias alemãs no Sul do Brasil, encontravam-se dispersos como colonos, artesãos, intelectuais, clérigos e professores. Acreditava que no novo cenário, esse número aumentaria, bem como seria desejável a emigração da elite dos camponeses suabos, os viticultores, que produziam vinhos de alta qualidade. A própria pressão demográfica, os altos cultos de produção e os preços da terra, somada à fragmentação da propriedade, eram fatores impulsores à emigração, especialmente para a população jovem. Em relação aos emigrantes, assinala que os pomeranos e westfalianos se dedicavam à agricultura e pecuária. Todavia, o suabo era um empreendedor nato e versátil, que investia no cultivo da videira, árvores frutíferas, produção agrícola diversificada e pequenas indústrias; era representado como o mais esperto, que "ouve a grama crescer", sempre à frente do seu tempo, o "mais dotado e apaixonado das tribos [*Stämmen*] do Sul da Alemanha e, especialmente pela sua adaptabilidade, o que o torna capaz de ser um colonizador", ou seja, o pioneiro ideal nas frentes de expansão. Ao contrário dos demais emigrantes alemães, os suabos não emigravam "de mãos vazias", carregando consigo certo capital. Além de camponeses, a emigração de artesãos era fundamental, especialmente quando o ofício era combinado com a atividade agrícola (KAPFF, 1896, p. 206-207). Enfim, Kapff sinalizava ao potencial da emigração Sul-Sul,

direcionando o fluxo de emigrantes suabos para o Rio Grande do Sul, e sugeria possíveis parcerias entre as empresas de navegação e instituições voltadas aos emigrantes, no intuito de orientar e fomentar essa migração.

O segundo artigo, *Die Besiedlung des brasilischen Alto-Uruguaygebiets* [A colonização da região brasileira do Alto Uruguai], publicado em 1897, esboça um projeto de colonização destinado ao noroeste do Rio Grande do Sul. O ponto de partida do artigo é uma notícia, publicada pelo pastor Rotermund, no jornal *Deutsche Post*, em São Leopoldo, a qual "gostaríamos de ver amplamente distribuído nos círculos pró-colonização da Alemanha" (KAPFF, 1897, 162). Trata-se da colonização da zona florestal do Alto Uruguai, com a fundação da colônia Guarani pelo governo do Estado, em uma área de 600 quilômetros quadrados, situada na foz do rio Comandaí (rio Feijão) no rio Uruguai, com vias de navegação favoráveis ao escoamento da produção. Segundo o jornal, os colonos italianos ocupariam a área montanhosa do núcleo Comandaí, enquanto os alemães permaneceriam no próprio núcleo Uruguai. Os lotes, de 25 hectares, custavam Rs. 350$000, a serem pagos no prazo de dois anos. O transporte dos colonos até a colônia era realizado pelo Estado, o qual os empregava na construção de estradas e pontes, recebendo pagamento pelos serviços. Logo, a Alemanha "deve tirar partido desta oportunidade e enviar muitos colonos, já que aqui – ou seja, em toda a região florestal do Alto Uruguai – não só há lugar para centenas de milhares de agricultores, mas as terras estão também entre as melhores de todo Estado" (KAPFF, 1897, 162-163).

Kapff utilizou como fonte para descrever o noroeste rio-grandense e seu povo as notas de Max Beschoren, publicadas por H. Lange (*Petermanns Mitteilungen*, 1889 a 1890), que viveu por 18 anos nessa região. Destacava como elementos favoráveis à colonização o clima, a ausência de doenças tropicais, o solo propício para agricultura e plantio de diferentes cultivares, a variedade de madeiras, os indícios de metais e pedras semipreciosas. Havia vias de transporte e a construção de uma linha férrea margeando o rio Uruguai valorizaria mais ainda essas terras.

> O que falta aqui são apenas trabalhadores, colonos alemães capazes. Aqueles que se instalam aqui e trazem consigo o desejo de trabalhar em breve verão os seus esforços recompensados, ainda mais se

> tiverem capital à sua disposição para estabelecer destilarias ou serrarias ou moinhos de farinha (KAPFF, 1897, p. 163).

O ponto central, todavia, estava em como direcionar os emigrantes alemães ao Brasil, e em particular, à essa região. Nessa perspectiva, inspirado no modelo da Sociedade de Colonização Hanseática para o Sul do Brasil, uma empresa de colonização privada, atuante em Santa Catarina, delineou as linhas gerais de um projeto de colonização para o noroeste do Rio Grande do Sul. "A sociedade consiste em dois grupos com poderes completamente separados, um na Alemanha e outro em Porto Alegre." O primeiro grupo não teria participação nos lucros, e a sede deveria ser em um município do interior do país com uma expressiva população de pequenos agricultores, como a capital de Württemberg ou da Alsácia, com filiais ramificadas. Outro centro deveria situar-se nas cidades portuárias de Hamburgo ou Bremen, cuja tarefa seria receber os emigrantes após a sua viagem e ajudá-los com o seu transporte. Simultaneamente, esse grupo teria a responsabilidade de informar, orientar e apoiar os emigrantes, via palestras e publicações, antes da partida.

> Não seria uma questão de retirar as forças agrícolas alemãs que de outra forma permaneceriam, mas sobretudo de trazer os expatriados, que até então tinham beneficiado os Estados Unidos e outros países com uma população predominantemente anglo-saxônica, para o trabalho cultural no sul do Brasil, que será mais rentável para a causa alemã e para a própria Alemanha (KAPFF, 1897, p. 165-166).

O segundo grupo, com sede em Porto Alegre, seria responsável pelo apoio aos imigrantes recém-chegados e seu estabelecimento em lotes privados na zona de colonização, observando o cumprimento pontual das promessas do governo, a começar pela estadia na casa do imigrante, e dos contratos de compra e venda de terras. Deveria ser observado ainda o estabelecimento dos imigrantes alemães em núcleos fechados e não misturados com outras nacionalidades. Quanto ao pagamento dos lotes, sugere prazos mais estendidos àqueles colonos com menor capital e a instalação de estabelecimentos para comercialização dos produtos básicos e, no caso das colônias públicas do interior, o envio de responsáveis para mediar as negociações entre Estado e colonos. Na sua leitura, era necessário e urgente montar uma infraestrutura de recepção e acomodação dos imigrantes alemães, visto que os dados estatísticos indicavam a queda desse

número entre 1891 e 1896 de 3.710 para 986 indivíduos, respectivamente, enquanto a imigração italiana mais que dobrou.

O artigo encerra com o adendo da notícia recém-divulgada no "*Koseritzen's Deutscher Zeitung* de 6 de agosto, que um alemão, o Sr. H. Schüler, recebeu do Presidente da República uma concessão ferroviária, que é de particular importância para a colonização da área dos Sete Povos das Missões" (KAPFF, 1897, p. 167). A construção da linha férrea por investidores alemães conecta Meyer ao noroeste do Rio Grande do Sul, investindo capital no projeto da ferrovia, com a expectativa de obter terras às margens do Rio Uruguai.

Considerações finais

Portanto, a partir do exposto, conclui-se que no final do século XIX havia na Alemanha uma elite intelectual articulada, que tinha por objetivo direcionar a emigração alemã para o Brasil. O grupo situado no eixo Leipzig-Stuttgart, ao qual pertenciam o Dr. Kapff e o Dr. Meyer, para além de discutir o tema, lançaram-se em um projeto de colonização, implementado no município de Cruz Alta, noroeste do Rio Grande do Sul. A espinha dorsal do projeto, pensada pelo Dr. Kapff, foi executada pelo Dr. Meyer, via Colonizadora Dr. Meyer, com a fundação da colônia Neu-Württemberg, em 1898: uma nova *Heimat* ou *Schwabenland* para os emigrantes suabos, fortalecendo a migração Sul-Sul. Materializava-se, assim, uma colônia étnica alemã, particular e a-confessional – em contraposição ao modelo de colônias mistas proposto pelo governo castilhista-borgista –, destinada a imigrantes alemães e seus descendentes, onde poderiam ser e permanecer alemães. O modelo idealizado, no decorrer do processo, sofreu ajustes de rota, mas manteve traços de sua essência.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, *Pierre*. ***A* distinção**: crítica social do julgamento. 2. ed. rev. 4. reimpr. Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BURMEISTER, Karl Heinz. Kapff, Sixt Ernst. In: RÜCKERT, Maria Magdalena (Hrsg.). ***Württembergische Biographien unter Einbeziehung hohenzollerischer Persönlichkeiten***. Band I. Kohlhammer, Stuttgart, 2006, p. 122–125.

CHARTIER, Roger. "Escutar os mortos com os olhos". **Estudos Avançados**, 24 (69), 2010, p. 7-30

CHARTIER, Roger. Intelectual. *In:* BURGUIÈRE, André. **Dicionário das Ciências Históricas**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

CONRAD, Sebastian. ***German Colonialism – A Short History***. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

CUNHA, Jorge Luiz da. Conflitos de interesses sobre a colonização alemã do sul do Brasil na segunda metade do século XIX. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre: PUCRS, v. XXVI, n. 1, 183-234, jul. 2000.

DAVATZ, Thomas. **Memórias de um colono no Brasil**. Livraria Martins Editora, 1951

Die brasilianische Auswandrungspropaganda in Europa. ***Die Grenzboten***, Berlin, 1908, p. 349-353.

EPP, F. ***Rio Grande do Sul oder Neudeutschland***. Mannheim: Franz Bender, 1864.

GERSTÄCKER, Friedrich. **A Colônia**. Cenas da Vida no Brasil. Porto Alegre: Gradiva Editorial, 2016

GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. In: GINZBURG, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico; PONI, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Difel, 1989, p. 169-178.

HERMANNSTÄDTER, Anita. *Herrmann Meyer Der Sertão als schwieriger sozialer Geltungsraum*. In: KOCH-GRÜNBERG, Theodor. ***Die Xingu-Expedition***. *(1898-1900)*. Ein Forschungstagebuch. Köln: Böhlau Verlag, 2004. p. 403-434.

KAPFF, E. *Die Besiedlung des brasilischen Alto-Uruguaygebiets*. ***Die Grenzboten,*** 56 Bd., 4 (1897), p. 162–168.

KAPFF, E. *Die deutsche Auswanderung nach Brasilien*. ***Die Grenzboten,*** Berlin, IV, 1896, p. 201–209.

LISBOA, Karen Macknow. Olhares alemães sobre a imigração no Brasil: imperialismo, identidade nacional e germanismo. **Espaço Plural**, Ano IX, n. 19, 2008, p. 95-104.

MARTINS, Jefferson Teles. Notas sobre o estudo dos intelectuais: as contribuições teóricas de Bourdieu para o estudo de trajetórias intelectuais de agentes e instituições. **História Debates e Tendências**, Passo Fundo, v. 20, n. 1, p. 7 - 18, 2020.

MEYER, Herrmann. ***Ackerbaukolonien***. Neu-Württemberg und Xingu in Rio Grande do Sul (Südbrasilien). Leipzig: Bibligraphischen Institut, 1903.

MEYER, Herrmann. ***Ackerbaukolonien***. Neu-Württemberg und Xingu in Rio Grande do Sul (Südbrasilien). Leipzig: Bibligraphischen Institut, 1906.

MEYER, Herrmann. ***Die Privatkolonien von Dr. Herrmann Meyer in Rio Grande do Sul (Südbrasilien)***. Leipzig: Bibliographischen Institut, 1901.

MEYER, Herrmann. ***Meine Reise nach den deutschen Kolonien in RS. 1898-1899***. Gedruckt als "Reisebrief" für seine Freunde. Leipzig: Carl Meyers Graphisches Institut, 1899.

NEUMANN, Rosane Marcia. **Uma Alemanha em miniatura**. O projeto de imigração e colonização étnico particular da Colonizadora Meyer no Noroeste do Rio Grande do Sul (1897-1932). São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2016.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969. 2 v.

SCHULZE, Frederik. Regimes de migração no Brasil e na Alemanha: uma comparação sincrônica. **Revista Acadêmica Licencia & acturas**, Ivoti, v. 5, n. 2, p. 07-19, julho/dezembro, 2017.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. *In:* RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/FGV, 1996.

Recebido em Novembro de 2021
Aprovado em Dezembro de 2021